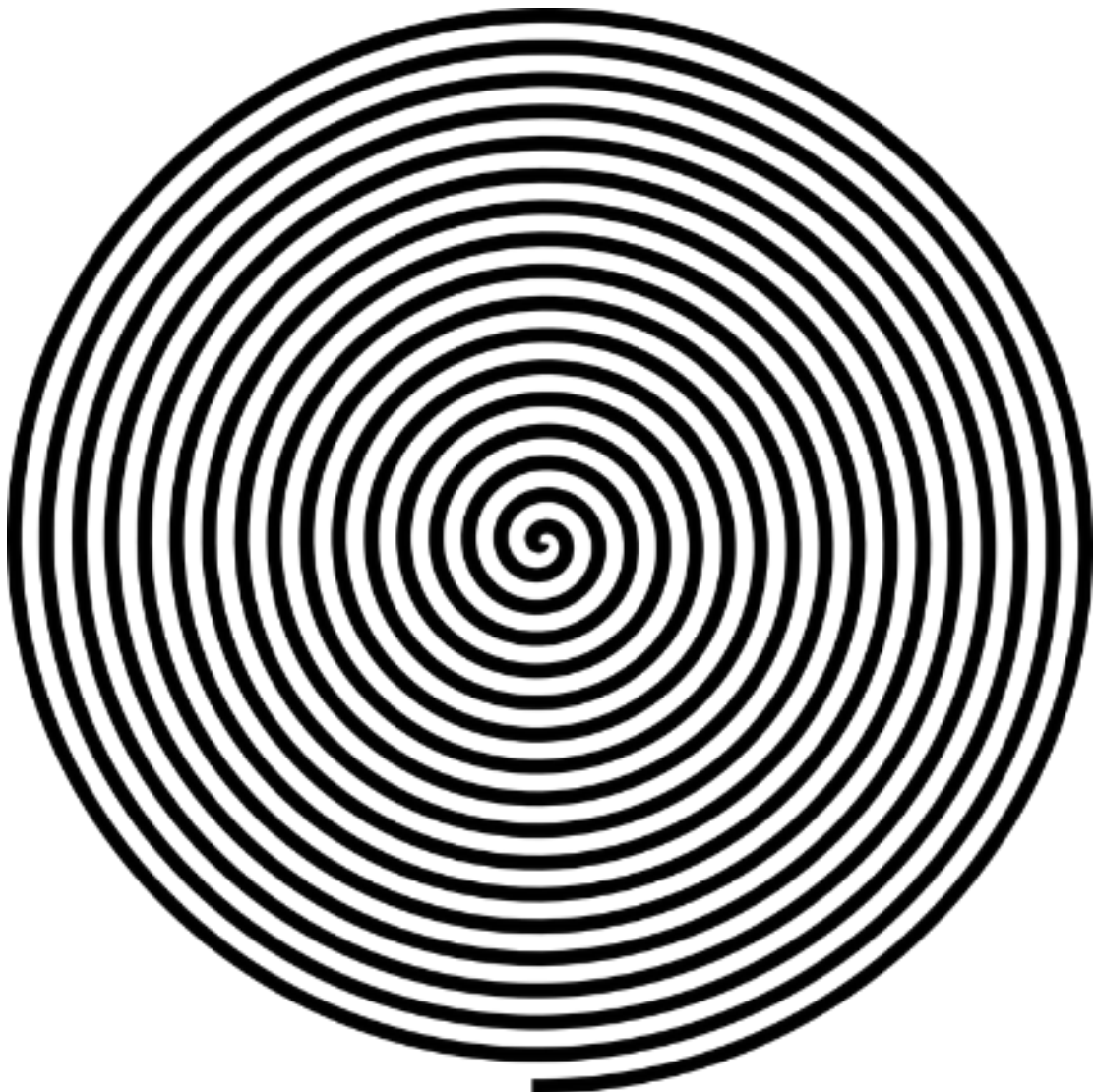


POEMAS EM VERTIGENS

Larissa Prado



POEMAS EM VERTIGENS

POEMAS EM VERTIGENS

Larissa Prado

Estes poemas foram escritos através do automatismo.
Não passam de vertigens em forma de palavras.
Que esses simplórios textos possam te levar para longe
enquanto atravessam seus olhos e rodopiam por sua mente.

Larissa Prado

Eu sou o Grão-Istoaquilo
O rigoroso regimento
O oxigenoma Sine Qua Non
O anônimo 1%

O P.P.Tit. e dito cu
Culatra sem boca e buraco
O honorável talhercúleo
Capa nova em velho cardápio

Eu sou o pífió vitalício
O Sr. Dezembro em dúzia
O colecionável Filatelo
Em verniz vinil e fúcsia

O desabrochável semigual
O honoris causa Dr. Ômega
O brancomo berço d'ouro
O paparazzível Domine

(Opus Zero – Hans Arp)

Índice

Vertigem

Vozes

Demônios

Mais uma dose do tédio

Todos os gatos têm olhos de titânio

Sem saída

Vagões

Sem Freio

Precipício

Ausência

Asas negras, espaços vazios

Carbono

Inaudita

A loucura é um latido

Meu corpo virou concreto

Abalo sísmico

Desprender

Nevoeiro

Estrelas Mortas

Na cova com leões

Tartaros

A pior ressaca

| poemas em vertigens

Vertigem

Cair de um abismo em outro
Rodopiar ao sabor do vento, inócuo
Vomitar o que sei por não sustentar mais
A própria vida pesa e causa-me vertigem
O sopro do vento macula o equilíbrio do corpo
Meu corpo não é meu assim como a mente
Rodopiar ao sabor cataclismo da morte que espreita e não vem
Cair infinitamente no vácuo
O almoço que não faz bem, náuseas
Vomitar o que não posso mais engolir, pois é podre
Viver não passa de uma vertigem

Vozes

O que me escapa aos sentidos deixo ao sabor das palavras desses outros

Embriago-me em todas elucubrações que não são minhas

Fixam-se nas teias de minhas ideias

Mesmerizando esses vagos encadeamentos de pensamentos

Um rapaz melancólico cruzando a ponte do rio Sena, seus olhos diabólicos tragaram-me a alma

Seria eu mesmo a cruzar tal ponte desconhecida?

“Eu escrevi silêncios, noites, anotei o inexprimível. Fixei vertigens”

Gritei aos ventos silenciosos vindos das longas temporadas no inferno

Aquela voz não era minha, aquele rapaz não era eu

Rompantes de angústia, a alma não me pertence porque se desfaz nas palavras desses outros

“Nunca mais” crocita o pássaro que bica profundamente as encostas de meu cérebro,

Nunca mais reconhecer a mim mesmo

Retumbam vozes que não são minhas nos recônditos da inconsciência

Uma breve lembrança difusa e atroz me faz dizer aos sussurros

“Definir é limitar”, escapa-me qualquer noção do que eu possa ter sido

Não sei quem sou porque estou naufragado nesse mar de ecos

Não podendo definir-me, sem limites permaneço, indefinível

“Não sou nada e nunca serei nada”, embala-me docemente essa voz fraterna que reconheço quase como o pai que nunca tive. Adormeço.

Escuto esse zunir que me vem em noites de tormenta, retirando-me da segurança onírica do sono profundo

“O ódio”, caro amigo, “é o mais longo dos prazeres”

Quanto poderá um despersonalizado ente odiar-se por não saber definir-se?

Ah! Todas essas vozes que se parecem com a minha, mas que não me pertencem!

No quadro negro da mente versos extraídos de flores que expõem todo mal do universo me fazem projetar minha própria tumba sem lápide.
Sou um desconhecido no tempo.

“Para não serdes os martirizados escravos do Tempo,
Embriagai-vos; embriagai-vos sem tréguas!

De vinho, de poesia ou de virtude, a vossa escolha...”

Sem amarras e à deriva, encerro-me novamente no sono que entorpece
Esquecendo-me da própria vacuidade do meu ser

As vozes que me embalam são as únicas certezas me fazem crer:

Ainda existo, vagamente, existo “sobrevivendo a mim mesmo”.

Demônios

Espreitam através de meus olhos,
Deturpam todos sentimentos,
Desvirtuam a vil existência,
Contaminam a carne trêmula,
Tornam a consciência mouca.
Guiam meus passos a um não-sei-que de absurdo,
Meus pobres demônios, forças propulsoras,
Que direi a eles quando dominarem minha voz?
Que direi a Deus?
Haverão ruídos do meu oco,
Pobres demônios anônimos, insignificantes,
Bastardas criaturas resfolegando na imundície.
Entrego-me aos seus cânticos torpes.
O que fui se não um pobre demônio?
Ousei fingir ser anjo alado, eram asas falsas, não posso voar.
As alturas me causam espasmos,
Nasci para a miséria,
Pobres demônios que criaram raízes em minha alma,
Uma vez no inferno não há saída, chafurdemos na lama,
Gozamos da glória em sermos malditos
Propagando a desordem, cultivando o ódio, manchando a beleza
Desse mundo submerso em purezas vãs.

Mais uma dose do tédio

Desarranjo mental.

Um estampido no centro da mente,

Memórias fragmentadas, nada funciona direito.

No topo do mundo eu engulo sem querer o meu whisky barato,
esperando um pouco de amor, uma mão no ombro,

Arfar do peito, mas o coração não pulsa,

Eu engulo sem querer apenas apatia.

Vácuo mental.

A origem do caos se encontra nos cantos do cérebro,

No topo do mundo eu tomo meu café sem açúcar,

Esperando um pouco de calor, uma boca na minha,

Regurgitar de ideias, mas o corpo não treme,

Eu engulo sem querer apenas indiferenças

Inexistência mental.

Um pássaro perde as asas dentro da minha cabeça,

No topo do mundo entorpeço com mais uma dose do tédio,

Esperando por um pouco de dor, uma faca no estômago,

Resgate dos sentidos, mas minha alma não respira,

Só encontro a palidez desses dias que se repetem,

Iguais,

Há apenas uma verdadeira overdose

De tédios.

Todos os gatos têm olhos de titânio

À noite todos os gatos me fitam
Com olhos de titânio
Meus passos vacilam
Trôpegos,
Bebo mais do que aguento
Aguento mais do que bebo
Todas potencialidades foram perdidas.
À noite todos os gatos têm
Olhos de titânio
E zombam da minha pobreza
Meus bolsos sempre vazios
Minha cara sempre amassada
Minha boca sempre seca
Em busca de mais um gole
A bebida que desce queimando
Tenho a garganta fechada de um enforcado.
À noite todos estes gatos com
Olhos de titânio me dizem palavras
Motivacionais
Não entendo o idioma que falam
Mas deixo prender-me em olhos de fustigantes.

Sem saída

Agora não vale mais a pena
Caminhar por ruas sem saída,
Vielas, bueiros, sarjetas.
Meter a cara no trabalho,
Revisões, textos, palavras.
Tudo acaba em eufemismos.
Poucos encaram a podridão do subsolo,
Ninguém vai nos salvar essa noite.
Suavizamos a existência com esses jogos,
Festas, tagarelices, ilusões,
Nós dois sabemos de onde viemos e para onde vamos.

Não vale mais a pena o vinho nas taças,
Luz de velas, suas mãos por baixo das minhas saias.
Tudo isso acaba num beco sem saída,
Alimentamos prazeres fugazes, forjamos ideias sagazes,
Tentando estancar a dor que é estarmos vivos.

No fim das contas,
Todos nós somos desesperados,
Cães correndo atrás dos próprios rabos.

Vagões

A mente funciona como vagões
Sabe disso porque cada pensamento se sobrepõe,
Pensa que está louco,
Mas é apenas o movimento cíclico
De uma mente-locomotiva.

Cada ideia, imagem e sensação
Não passam de repetições.
Você já viu esse filme,
Eu já vi esse filme,
E todas essas pessoas correndo,
Ligadas 24 horas nas últimas novidades,
Elas também já viram esse filme.

Você sabe que ele não acaba bem,
Contos de fadas não são reais.
Nada acaba bem, a mente-locomotiva não permite,
Você não se permite, e nós juntos
Nunca nos permitiremos.
Porque esse filme é repetido,
Desempenhemos os mesmos papéis
Há séculos, mudam-se as falas,
Os finais são os mesmos.

Alternamos de vagão em vagão,
Obedientes ou displicentes,
A locomotiva sempre será mesma.

Sem freio

Dias de chuva incessante,
O céu chumbado apenas desaba,
Nada me faz parar,
Voando a 180 km/h,
O motor zune.
O sangue pulsa na testa,
O mesmo sangue que manchará o asfalto,
Morrerei esmagado como um verme,
A 180 km/h, não restará muito da matéria humana,
Não estou com medo.
Descubro, aliviado,
A liberdade verdadeira,
Ela se manifesta no único momento
Que precede a morte.

Precipício

A aridez do ar reflete sua vida,
Ausente de princípios.
Todas tentativas até hoje foram vãs.
O tempo acaba te engolindo.
Você está velho
E sobrecarregado.
Só se arrasta em busca
De um pouco de ar,
Um peixe fora d'água.
Encontra-se com um precipício,
Lá embaixo há a tímida correnteza turva,
E você está com muita sede.
Não se aventura a saltar,
Prefere continuar erguendo a própria cruz,
Nessa contínua morte seca.

Ausência

Há uma fragrância específica
De coisas acabadas.
Um aroma pesado,
Quase pútrido,
Cinza.

Há um quê de melancólico
No quarto desarrumado,
Sapatos abandonados,
Livros empoeirados.

A ausência é um paradoxo do sofrimento,
Sua presença é mais forte,
Permanente.

Não tem como fugirmos.
Depois que ela se aproxima,
Suave,
Quase imperceptível,
O tempo para de correr,
As águas param de marulhar,
O sol não consegue mais nascer.

A ausência é esse peso
Que o coração precisa suportar
Para se tornar mais rígido,
Mais forte,
Um pouco inerte.

Asas negras, espaços vazios

Não existem entraves do mundo material
Para almas que estão ligadas
Na fluidez do cosmos.

Não existem lembranças ou laços,
Apenas a essência do que é etéreo
Mesmo que caótico.

Eu posso sentir suas asas sobre mim, pois,
És também feito de espaços vazios.

São asas de morcegos,
Negras e ágeis,
Que envolvem minha solidão abissal
Diluída em coisas pequenas.

Agradeço por ter te encontrado no voo,
No salto,
No alto,

No caos, que é nosso lar e é para lá
Que vou quando quero apenas ser.
E eu sei que suas asas estarão me envolvendo
Na distância do que está vivo
Por dentro.

Carbono

O pequeno espaço vago no alto da minha barriga

É o estômago ferido pelo o que havia

Nas garrafas que me cercam.

A noite é fria e solitária,

Como todas outras foram e serão.

Penso em Carbono e sua facilidade de adaptação.

Em tudo que olho vejo um pouco de Carbono,

Me esqueço das feridas por dentro.

Penso na pedra rolando por Sísifo

Cada vez que chega ao topo,

Os goles na bebida se tornam menos amargos.

Ninguém bebe porque está feliz,

(há outras coisas transfiguradas em euforia, e elas são negras)

Apesar de todos sorrisos por trás das tristezas.

Ninguém sabe realmente para onde vai e de onde veio,

Mas de uma coisa estou certa,

Além da dor aguda que se expande no meu estômago em água-ardente

a única certeza que tenho

É sobre o Carbono.

Essa certeza é melhor que nada,

Talvez seja tudo.

Inaudita

O olho fechado e seco mira
A ferida aberta,
O pulso trabalha na medida certa,
O sangue que passa por mim não carrega mais
Meus ancestrais.
Eles não exercem domínio sobre mim.
Sou feita de fumaça, sem idade,
História, forma ou cor. Sou feita de vazios
Impreenchíveis. Não trago nomes.
Não partilho da sua dor, não carrego seus estigmas.
Não me cabe as roupagens definidas,
Essas coleiras dos lacaios.
Não me meço pelos espaços que reservam a mim,
Não possuo dimensões. Grilhões escorregam por minhas mãos,
frouxos, insuficientes.
Sou grão de areia, poeira,
Nem batom, nem saia, nem curvas, nem maciez.
Minha sedução é pútrida, negra como o bafejo da Morte.
Sou pedra, sou aço, sou desfeita em mil pedaços
Flácidos, fogos-fátuos.
A acidez escorre por meus lábios secos,
Nada de beijos, suspiros, segredos.
Serei a sepultura dos seus desejos.

Eles nunca exerceram domínio sobre mim.

A loucura é um latido

Estava lá sem saber ao certo onde
A cabeça pesava como chumbo
O inferno era um céu de fim de tarde avermelhado como sangue ralo.

As rosas perdiam as pétalas
E os cachorros que latiam ao longe
Nem sempre o faziam por alarde,
Poderia ser desespero, fome, raiva,
Tristeza mesmo dessas mais profundas.

A loucura é um latido minguado.

Continuava lá parado,
Prisioneiro de mim mesmo
Como um passarinho preso no fio de alta tensão.
Um sol feio vinha,
A manhã que chegava trazia a cor de um dia vermelho,
O sangue que escorria pela rua não era meu
Mas parecia...

Meu corpo virou concreto

Às vezes, meus olhos parecem duas bolas de fogo saltando no espaço do oco do meu cérebro onde há apenas cansaço.

Corro de um lado a outro por ruas sem saída e becos de vielas,
Não há espaço nessa cidade que abarque a deformidade
Do meu gigantismo.

Minhas mãos estão feridas no asfalto quente do meio-dia,
As dores parecem um pouco com a incandescência
De lava
De vulcão.

O olho do sol no meio da tarde no céu é a boca do inferno.

Eu choro lágrimas sem liquidez,
Todo meu corpo virou concreto.

Abalo sísmico

Preciso esquecer isso tudo.
O quê?
Isso tudo, a inércia antes do choque,
Depois o choque e a cólera,
As frestas se tornando buracos,
Buracos se tornando crateras,
Eras venenosas nos jardins da alma.

Preciso esquecer isso tudo.
O ruído de ossos partidos,
O último suspiro do último condenado,
A dor,
O ardor das lembranças que sangram.

Preciso deixar para lá,
O abalo sísmico
Que fez a ponta do Iceberg
Desabar e transbordar
O mar de desilusões.

Preciso esquecer tudo isso,
Quem era, sou e seria,
Esquecer minha etnia,
Família, teorias.

Preciso deixar para lá,
A picada do mosquito,
O gemido preso na garganta,
O sangue drenado da ferida,
A vida.

Desprender

Criar asas para sobrevoar os mares
Desses pútridos e ocultos medos engendrados na alma
Que cegam.
Chegar alto
No zênite do tempo,
Ultrapassar o impossível.

Cortar as asas para despencar
Em queda livre
No âmago da solidão,
Enterrar-se fundo,
Perder-se no absurdo e
Renascer profano,
Desnudo,
Inútil para trivialidades.

Sem asas, sem céus ou mares,
Sem ser, desaprender a repetir,
Perder as asas para abrir olhos
Por todos os lugares;
Mesmo com os pés no chão
Ser onisciente, seu próprio deus,

Desprender-se
No próprio infinito.

Nevoeiro

Não fiquei para ver as nuvens
Que se agigantavam
Engolindo o céu.
Ali com a mão na corda e ela no pescoço,
Não permaneci para o trágico espetáculo.

Muitos chegaram junto com o nevoeiro.
Olhos curiosos, bocas falantes, ouvidos moucos.
No céu o desastre fora anunciado,
Mesmo assim,
O foco era meu cadáver pendido na corda
Preso à frondosa árvore.

Um som ecoou como um trovão,
Pois que confuso percebi que era apenas
Notas piano.

Morrer é entrar num nevoeiro,
Dar atenção aos sons
Sempre reprimidos, abafados,
Dissipados,
Pelas batidas do coração.

Estrelas mortas

No céu escuro,
Identifico esparsas estrelas solitárias.
Suas luminosidades não têm força,
Suas existências minguaram.

Não passam de estrelas mortas
Esses pontos que vejo no breu da noite.

Assim como minha vida,
Um completo escuro que cega,
Elas esgotaram,
Explodiram e restou apenas
A impressão que continuam brilhando.

Elas não passam de estrelas mortas.
Aqui de tão longe são lindas,
Ofuscam em seu brilho,
Se pudesse alcançá-las e tocá-las
Todo encantamento se resumiria
À ausência,
À morte,
À perda.

Na cova com leões

Jogado na cova com leões,
Aguardando o próximo sol,
Que nunca vem,

O chão sustenta apenas sapatos usados,
Aroma quente de abandono, na beira do abismo.

Tudo isso está inutilizado,
A mágoa vã e a vaidade
Da idiotia me deprime.

Um concerto de vozes se arrasta pelas ruas lá fora,
A vaidade
Da idiotia
Me desperta para a náusea.

Continuo esperando o nascer do sol
Que nunca vem,
Na cova com leões imaginários,
Esperar foi a única senha de entrada,
E de saída.

É o esperar,
Dos resignados.

TARTAROS

Por sete anos cantei minha história
De sangue e sacrifício,
Na pele carrego as marcas
Da autoflagelação.

Ainda poderão ouvir,
Se prestarem bem atenção:

O eco das grutas da morte
Resulta do meu último grito.
Preso entre a dor e o prazer,
Clamei aos olhos celestes
Que elevassem a alma de um pobre demônio ferido.

Sujo e gasto,
Decrépito e maculado,
Forjei com as próprias mãos
Os portões de Tártaros

Na vã esperança de alcançar
A atenção dos céus,
Entreguei-me a uma existência mórbida:

Você descobre que pode morrer

E continuar

Respirando

(esse ar de enxofre que a alma exala.)

A pior ressaca

O pior tipo de ressaca é a do sofrimento,
Que deixa essa vaga sensação,
Inconsistente,
De que algo possa ter sido
Bom.

O pior tipo de ressaca é
A própria sede de
Lágrimas insaciáveis.
O torpor pós-sono da perda.

O pior tipo de ressaca é a
Fome de vida, é a
Insuficiência desse tipo de morte,
Que não mata, mas não deixa
Viver.

O pior tipo de ressaca é
A dor que nunca acaba,
Mas diminui
Se tornando apenas
Um espinho enraizado
Na carne viva

Sobre a autora

Larissa Prado é natural de Goiânia, escreve contos de horror há alguns anos.

Outras publicações: “Tratado Oculto do Horror” (2016) Ed. Andross; “Espinhas e Rosas”(2017) Ed. Illuminare; “A arte do terror: Memento mori” (2016); “A arte do terror volume 2 (2016); “A arte do terror volume 3” (2016); “A arte do terror volume 4” (2017); “A arte do terror: Cartas (2017); “A arte do terror: edição comemorativa (2017); “A sombra vinda das trevas - contos cósmicos” (2017) Elemental Editoração; “Coletânea: Miríade” (2017) Ed. Andross; “Coletânea: Linha Tênuê” (2017) Ed. Andross; “Palavra é Arte: Contos e crônicas” (2017).(Site: recantomacabro.com)

© Larissa Prado, 2017

Projeto Gráfico e Diagramação | Mika Andrade

Revisão | Larissa Prado e Mika Andrade

Capa | Larissa Prado

1ª edição, Goiânia , 2017

Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Prado, Larissa

Poemas em Vertigens | Larissa Prado

I. Poesia II. Poesia brasileira

[2017]

Todos os direitos reservados à
Larissa Prado.